
João à luz da teoria keirseyan: ausência da comensalidade no evangelho joanino?

ENIO STAROSKY¹

Os tipos psicológicos de David Keirsey têm sido muito usados em diversos campos: empresarial, relações humanas, educação, marketing, na redação de roteiros de filmes, e ultimamente também no campo religioso. O objetivo deste trabalho é, a partir da teoria keirseyan dos temperamentos, analisar o perfil psicológico do Discípulo Amado (João), e verificar uma possível correlação com a ausência da comensalidade no evangelho joanino.

Palavras-chave: Religião; comensalidade; preferências religiosas; tipos de temperamento; perfil psicológico.

John on the keirseyan theory: an absence of commensality in the johannesian gospel?

David Keirsey's psychological types have been widely used in a variety of fields: business, human relations, education, marketing, film scriptwriting, and lately also in the religious field. The purpose of this

.....
¹ Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo.
E-mail: diretor@luterano.com.br

work is, based on the Keirsevana theory of temperaments, to analyze the psychological profile of the Beloved Disciple (John), and verify a possible correlation with the absence of commensality in the Johannine gospel.

Keywords: Religion; commensality; religious preferences; types of temperament; psychological profile.

Introdução

Desde tempos imemoriais, famílias e grupos religiosos são atraídos por líderes com características pessoais específicas. Autores de textos sagrados, incluindo os livros canônicos, permanentemente propõem a universalidade de sua mensagem, mas, precisamente essa universalidade pode estar comprometida já na própria proposta que, na verdade, está dimensionada para acolher melhor determinado *tipo* de liderança em detrimento de outros.

48

Este trabalho — por ora ainda insipiente e assistemático — tem como fundamento a abordagem historiográfica defendida pela Escola dos Annales e se concentra, sobretudo, no âmbito da psicologia coletiva (*tipologia*) das mentalidades. Trata-se de uma leitura provisória que pressupõe² que a ausência da comensalidade no evangelho joanino tem forte correlação com o perfil psicológico do seu autor.³ Sua

.....

² Bem observa Bultmann (1986) que o contexto vivencial ou “Lebenszusammenhang”, no qual se encontra o intérprete, é uma das suas premissas. Só há falsificação, segundo Bultmann (1986), quando o exegeta considerasse sua compreensão prévia uma compreensão definitiva.

³ Tomaremos por pressuposto que a expressão “discípulo amado” é endereçada a uma figura histórica, embora, como sugere Brown (2003), também possa se referir a uma personificação simbólica. De qualquer modo, o “discípulo amado” é todo aquele (portanto, pessoas com determinado perfil psicológico) que acolhe Jesus na fé e se compromete no amor com seus irmãos — a igreja que caminha na verdade, que é o amor.é uma figura histórica e, ao mesmo tempo, uma personificação simbólica. O discípulo amado é todo aquele que acolhe Jesus na fé e se compromete no amor com os irmãos. Assim, a verdadeira comunidade do discípulo amado é a Igreja que caminha na verdade, que é o amor.é uma figura histórica e, ao mesmo tempo, uma personificação simbólica. é uma figura histórica e, ao mesmo tempo, uma personificação simbólica.

pretensão de escrever um evangelho “espiritual”,⁴ diferentemente dos sinóticos, leva a comunidade joanina a dar mais importância ao significado do que ao significante; a acreditar que a ritualização (sobretudo o rito eucarístico) precisa ceder lugar à atitude e a outros elementos organizadores da relação com o sagrado.

Para esta análise nos valeremos da tipologia de David Keirsey (1998), autor de uma importante teoria dos temperamentos, que tem ampla possibilidade de aplicação. No presente trabalho procuraremos aplicá-la às principais características pessoais do Discípulo Amado.

A teoria keirsejana dos temperamentos

Filósofos e pensadores, desde a Antiguidade, se debruçaram sobre as diferenças de reações entre seus semelhantes e começaram a construir as teorias de temperamento. De acordo com essas teorias, a Humanidade poderia ser dividida em grupos, de tal forma que os integrantes individuais de cada um deles teriam reações parecidas quando colocados diante dos mesmos estímulos. Uns seriam mais passionais e emotivos; outros frios e indiferentes, e assim por diante, até esgotar as possibilidades de atuações e respostas humanas (LAUAND, 2014, p. 17). Não se trata de uma “ciência” prescritiva, nem premonitória, mas uma descrição das tendências comportamentais que se aproximam dos tipos característicos e possibilitam que nos conheçamos melhor. Nesse sentido, o estudo do comportamento humano — também a reflexão sobre identidade religiosa e memória individual e coletiva — é um fascinante tema de pesquisa e de interrogação. Afinal, a história das famílias ou grupos religiosos se alimenta de memórias, sobretudo da memória dos seus líderes.

Nas últimas décadas, o psicólogo norte-americano David Keirsey (1998), publicou uma importante teoria dos temperamentos em dois livros com o sugestivo título de *Please, Understand Me*.

Aproveitando a terminologia de Jung,⁵ Keirsey (1998) trabalha com quatro pares de características: E (*Extraversion*) ou I (*Intro-*

.....

⁴ Eusébio de Ceraréia. História Eclesiástica, VI. 14,7.

⁵ Referimo-nos ao psiquiatra e psicoterapeuta suíço, Carl Gustav Jung, que fundou a psicologia analítica, propôs e desenvolveu os conceitos de personalidade extrovertida e introvertida, arquétipos e inconsciente coletivo.

version); S (*Sensible*) ou N (*iNtuition*); T (*Thinking*) ou F (*Feeling*); e J (*Judgement*) ou P (*Perception*). Eles estabelecem quatro grandes grupos de temperamentos, que por sua vez voltarão a se dividir em outros quatro, resultando em 16 possibilidades. A primeira divisão que ele estabelece é entre as características S ou N. Os de tipo S são denominados “artesãos” (SP) ou “guardiões” (SJ), e os de característica N, “racionais” (NT) ou “idealistas” (NF).

Temperamento⁶ é considerado por esse autor como uma marca inata⁷, uma inclinação ou pré-disposição da pessoa, enquanto o caráter é uma “configuração de hábitos” fruto da interação com o ambiente (KEIRSEY, 1998, p.20). Um caso especial e particularmente interessante é o do NF. O NF (10% da população) sempre anda em busca do sentido e do significado da existência, para perplexidade dos S, para quem, na prática, basta ir vivendo e raramente se detêm nesses questionamentos. Muitos dos grandes líderes religiosos têm o carisma NF, que inclui a sensibilidade, a eloquência etc. A busca NF pelo significado, pelo sentido do humano em geral e de sua própria vida, tem obviamente uma poderosa interface com a religião.

Como dissemos, foram identificadas por David Keirse (1998) 16 configurações de temperamento, a partir de 4 combinações assimétricas de tipos, conforme segue em linguagem adaptada:

• **Percepção do mundo**

- Sensorial (S): realistas, senso prático; preferência por fatos; concreto.
- Intuitivo (N): teórico, conceitual; preferência por intuição e fantasia; abstrato.

• **Decisão**

- Pensador (T): avalia a situação de forma objetiva; abordagem impessoal.
- Emotivo (F): avalia a situação de forma subjetiva; preferência pela sensibilidade; abordagem pessoal.

.....

⁶ Do latim *temperare* — fazer um todo harmônico com partes diferentes.

⁷ Seguindo a sugestiva expressão popular espanhola: “Genio y figura hasta la sepultura”.



- **Estilo de vida**

- Julgador (J): planejador, metódico; preferência por rotinas e normas; organizado.
- Perceptivo (P): possui grande adaptabilidade; preferência por situações abertas, sem padrões pré-determinados; não afeto à organização.

- **Fonte de Energia**

- Extrovertido (E): expressivo, entusiasta, voltado para os demais; carrega suas energias com “*la gente*”.
- Introverso (I): reservado, voltado para si; carrega suas energias quando está sozinho/reservadamente.

Não é nosso objetivo aqui expor detalhadamente essa teoria, portanto apenas mencionaremos, de maneira sintética, as 16 possibilidades tipológicas e apontaremos o provável tipo psicológico do Discípulo Amado. Antes, porém, é necessário fazer as devidas ressalvas metodológicas próprias de qualquer abordagem tipológica: não confundir o tipo com a realidade; admitir a mistura de fatores opostos dentro de um mesmo sujeito (que pode ser, por exemplo, em alguma medida S e N ao mesmo tempo e não um tipo puro S ou N — além de considerar também a região fronteira entre um e outro tipo); neutralidade ética e valorativa dos diversos tipos (um não é “melhor” do que o outro) etc. Os 16 tipos de Keirsey (1998) são “ideais” e foram construídos a partir de anos de observação profissional; eles nos propiciam importantes informações para a compreensão⁸ dos temperamentos; mas cada tipo só existe, na realidade, encarnado em indivíduos concretos: e é quando “descemos” ao plano concreto que podemos novamente “ascender” ao alcance e significado do plano ideal.

Assim, permanecem num plano ideal os traços característicos de cada um dos 4 temperamentos (SP, SJ, NF e NT) e dos 16 tipos de Keirsey (1998) (ISFP, ESFP, ISTP, ESTP, ISFJ, ESFJ, ISTJ, ESTJ, INFP, ENFP, INFJ, ENFJ, INTP, ENTP, INTJ e ENTJ). No entanto, tudo isto é muito vago e requer a interação dialética com o biográfico, com o encarnado, caso queiramos “descer” ao plano do concreto, afinal, a única realidade. Aqui nos defrontamos com uma dificuldade especial. Como analisar

.....

⁸ Também no sentido técnico de *verstehen* (em contraste com o termo *aufklären*).

um personagem tão distante no tempo e na história? Adotaremos um linha investigativa baseada na teoria literária concentrando-nos na *pessoa*⁹ do autor do evangelho.

Revisitar alguns textos do evangelho joanino com este “filtro” é um enorme desafio. No entanto, mexer com paradigmas e afastar-se da normatização é um grande deleite para qualquer pesquisador. E, sobretudo, por se tratar das realidades humanas, é preciso perceber que a vida cotidiana não é e jamais poderá ser normatizada de forma absoluta e cabal; que qualquer esforço por apreender “*the complete fact*” (a característica da questão filosófica, na feliz formulação de A. N. Whitehead), permanecerá necessariamente um empreendimento inacabável. É preciso aceitar que a vida humana é paradoxal (mora no espaço do não plenamente dizível) e contém, o tempo todo, elementos diversos, da mesma forma como o herói que só se legitima como herói na medida que suas imperfeições são eliminadas. Ou, como lembra Tomás de Aquino, a direção da vida é competência da pessoa não havendo “receitas” de bem agir, nem critérios comportamentais operacionalizáveis (LAUAND, 2014, p. 12).

A seguir recolheremos breves notas de alguns estudiosos que nos possibilitam intuir o “jeito de ser” (*tipo*) do Discípulo Amado à luz da teoria keirsejana dos temperamentos. Apresentaremos, também de modo bem resumido, o temperamento INFP e, na sequência, indicaremos alguns textos do evangelho joanino que endossam essa teoria.

O “jeito de ser” do Discípulo Amado na comunidade joanina — um tipo INFP

O “discípulo amado” (em grego: *hon efilei ho Iêsous* — expressão utilizada cinco vezes no Evangelho de João) era o mais jovem membro da família do seu pai e o mais jovem do grupo dos apóstolos.

Aproximou-se de Jesus com aproximadamente vinte e quatro anos. O traço mais forte do caráter dele era a confiabilidade; sempre disposto, era corajoso, fiel e devotado. Sua maior fraqueza era a vaidade. Homem de poucas palavras, exceto quando estava de ânimo exaltado. Esteve muito

.....

⁹ Consideramos especialmente a sutil, mas essencial diferença feita pelo importante psicanalista austríaco, Paul Tournier: para ele, a pessoa sempre aparece, de algum modo, por trás do personagem; o tipo de pessoa, de modo geral, merece maior atenção que sua personalidade.

ligado a Pedro nas atividades iniciais do movimento cristão, tornando-se um dos principais sustentáculos da igreja de Jerusalém.¹⁰

O maior desejo de João era resolver os conflitos internos e externos das comunidades sob sua liderança. A comunidade joanina em geral era composta por pessoas com pensamentos gnósticos, antecipando o gnosticismo que se estrutura a partir do segundo século e cuja influência marcou a história dos dois milênios do cristianismo. João tinha apreço por “retirar-se do mundo” com suas comunidades. Apoiava a visão de que a coisa boa é o conhecimento e a coisa ruim é o comer; o que se come é o conhecimento (cap. 13:32-34). Talvez por isso também trabalhou frequentemente com conceitos dualistas, entre os quais, baixo/alto, luz/trevas, dia/noite, o mundo do ser humano e o mundo de Deus, aquilo que se vê e aquilo que verdadeiramente existe etc.

Garcia (2007) afirma que tudo indica que o evangelho de João tem um forte elemento de “mortificação do corpo” e constante contraste entre materialidade e espiritualidade; que vários textos dificultam enxergar os ritos regulares da igreja primitiva. De fato, a linguagem que João emprega, a constante linguagem figurada, simbólica, ou de duplo sentido, é uma das características mais marcantes do QE. É o espírito que dá a vida. A carne não vale nada (6:63). João usa a palavra espírito, por oposição à carne e sua interpretação é figurada, por oposição à interpretação literal: “As palavras que vos falei são espírito e vida”, têm sentido figurado, profundo e vital (PRADO, 2001).

Parece seguro inferir, a partir do gênero literário do Quarto Evangelho (QE), que João sacrifica a comensalidade (ainda que a substitua pelo rito do lava-pés — que é uma prática de esvaziamento), para não perder a identidade de pertença. Abre mão daquilo que valoriza, e, para não se indispor com a comunidade, tolera. João deseja pertencer à comunidade e, mesmo que possivelmente não conhecesse as cartas paulinas, sua atitude revela ter adotado um interessante princípio paulino: “Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns” (1Co 9.22).

Por outro lado, também podemos questionar se não foi o próprio Discípulo Amado, pelo seu “jeito de ser” (seu perfil psicológico) e pela forma de escrever que tenha levado a comunidade joanina a supervalorizar os aspectos puramente espirituais! Nascimento (2010) lembra que “por trás desse Evangelho está uma comunidade que nasceu de modo simples,

.....

¹⁰ Os doze apóstolos. Disponível em: <<https://bit.ly/2JyR6Z7>>. Acesso em: 04 mai. 2017.

foi crescendo e adquirindo um jeito próprio de ser e de agir, profundo na sua reflexão e criativo na sua forma literária” (2010, p. 22). Como grupos sempre gravitam em torno de um líder e nunca são completamente impessoais e acéfalos, suspeitamos que o Discípulo Amado influenciou profundamente o “modus vivendi” das comunidades que liderou.

Para essa releitura é preciso abandonar convicções pré-estabelecidas, talvez presas às leituras fixadas por grupos e líderes cristãos da igreja oficial a partir do segundo século. Este, a nosso ver, é um importante aspecto a ser levantado, pois a comunidade joanina era a menos institucional e a mais desestruturada do Novo Testamento — seguindo exatamente o perfil psicológico do seu líder. E talvez, precisamente por essa razão, a comunidade joanina tenha sido absorvida pela igreja oficial, cuja liderança era inspirada por Pedro, certamente não um “desorganizado NF.

Mas então, qual é, segundo Keirse (1998), o perfil do temperamento INFP?

O temperamento INFP

54

Para efeito de delimitação e análise do nosso tema, as observações que seguem irão circunscrever-se a brevíssimos apontamentos do perfil de temperamento INFP, a partir do site oficial de Keirse¹¹ e outros, e, quando possível, faremos correlações com o discípulo amado.

No INFP encontramos idealismo, empatia e amorosidade. Indivíduos com esse perfil são pessoas compreensivas, discretas e sensíveis, capazes de identificar facilmente as necessidades dos outros. Graças ao seu talento em ajudar e “curar” os demais em suas dores e problemas, o INFP é chamado por Keirse (1998) de “*healer*”. As heranças deixadas nos escritos de João e, mais tarde, os diversos registros literários sobre João, permitem intuir que ele era um tipo imaginativo nas suas comparações, pensativo e introspectivo nas suas dissertações e pouco falante como discípulo. Sua autoridade não era imposta, mas se firmou por ser admirado. Era contemporizador, apaziguador, procurava colocar “panos quentes” nas situações de conflito, queria ver todos bem, que sempre houvesse um “final feliz”; acreditava que tudo acabaria bem (*Alles wird gut ausgehen*).

O indivíduo de perfil INFP — dos termos em inglês *Introverted, iNtuitive, Feeling* e *Perceiving* — vive em um rico mundo interior. Presta atenção a essências e sua atração natural está longe do mundo, volta-

.....

¹¹ Disponível em: <<https://bit.ly/28QStSQ>>. Acesso em: 11 de jun. 2018.

do para a abstração e o ideal. A realidade é simplesmente um ponto de apoio para a imaginação aflorar. Daí a ênfase ao “bem-aventurados os que não viram e creram” (Jo 20.29). E tudo o que se recolhe no capítulo 9 do QE sobre ver e não ver, cegos que veem e pessoas que veem, mas são cegas. Pieper (2000) dedicou uma magistral conferência “A experiência com a cegueira”, na qual diz que “ao final, ficará evidente que também um olho que vê pode ser cego”.

Portanto, indivíduos INFPs são idealistas, sempre procuram o bem, mesmo nas piores pessoas e eventos, e procurando caminhos para tornar tudo melhor. Porém, ainda que sejam calmos, reservados, ou até mesmo tímidos, os INFPs têm paixão intensa. Somam cerca de 4% da população, por isso o risco de serem incompreendidos é alto, mas quando encontram pessoas parecidas, a harmonia que sentem será grande fonte de alegria e inspiração. INFPs têm a capacidade de ver o bem em quase qualquer um ou qualquer coisa, por isso também são conhecidos como “mediadores” ou diplomáticos. Talvez a imagem que melhor retrata o perfil de temperamento INFP seja esta:

Os INFPs podem se perder na busca do bem e negligenciar a rotina (e a organização) que a vida demanda. Muitas vezes se perdem em pensamentos, gostando de contemplar o hipotético e o filosófico, mais do que qualquer outro tipo psicológico. Tendem a perder o contato, retirando-se como eremitas e têm dificuldade de voltar para o mundo real. Sonham resolver todos os problemas do mundo.

Quando necessitam tomar decisões, de modo geral, os INFPs olharão para a honra, a beleza, a moralidade e a virtude, pois são guiados pela pureza de suas intenções e não por gratificações e punições. É interessante lembrar que João se orgulha do fato de ser “o discípulo amado” — mas o fato de não mencionar diretamente o seu nome, pode indicar que desejasse manter discrição. INFPs sentem orgulho dessa qualidade (da pureza de suas intenções), porém, de modo geral, as pessoas ao seu redor não compreendem o motivo por trás desses sentimentos, o que pode levar os INFPs ao isolamento. Com relação a João, nesse aspecto, basta observar que tinha fortes inclinações místicas, sobretudo porque havia sido discípulo de João Batista — um essênio.

Sentimentos de extrema profundidade podem permanecer escondidos por longo tempo nos INFPs, até que as circunstâncias evoquem uma resposta apaixonada. Não foi por acaso que João, juntamente com o discípulo Thiago, quando viu comprometida a reputação do Mestre

que não foi recebido pelos samaritanos, pergunte: “*Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir*”? (Lc 9.54). Curiosamente esse episódio não é relatado no evangelho joanino.

Outra característica dos INFPs é que, embora também estejam inclinados a descrever o lado obscuro da vida, acreditam que o bem finalmente triunfa. Essas qualidades permitem que INFPs se comuniquem profundamente com os outros, falando com facilidade através de metáforas e parábolas, entendendo e criando símbolos para compartilhar suas ideias. A força dessa comunicação intuitiva é útil para trabalhos criativos, e não é surpresa que muitos INFPs sejam poetas, atores, escritores e mestres espirituais.

Alguns textos que evocam o perfil “INFP” no evangelho joanino

É interessante notar que, embora a primeira divisão¹² do livro (1:19 e 12:50) –dedicada ao que se convencionou chamar de “sinais” (semeïon) — descrever situações concretas, João dê também a estes um sentido simbólico, revelando a forte perspectiva espiritual da obra inteira. A linguagem figurada, simbólica, ou de duplo sentido, é uma das características mais marcantes do evangelho joanino, a ponto de Cullmann (2002) tê-la como sua chave interpretativa.

Também é interessantíssimo perceber que, para deixar o leitor mais atento ao sentido figurado e espiritual das palavras de Jesus, o autor do QE usa um curioso artifício: um personagem (ou um grupo) entende literalmente que Jesus diz e faz uma pergunta tola, ridícula, interpretando suas palavras do modo mais grosseiro possível. Três textos em particular chamam a atenção para isso:

1. No capítulo 3, Nicodemos pergunta se será preciso entrar outra vez no ventre da mãe para “nascer de novo”.
2. No capítulo 4, a mulher samaritana pede que Jesus lhe dê da água que vira fonte permanente para que ela não precise mais buscar água.
3. E no capítulo 6 são os judeus que fazem a pergunta tola: “Como é que este homem vai nos dar a sua carne para comer”?

.....

¹² Do ponto de vista narrativo o Quarto Evangelho compõe-se de quatro divisões macroestruturais: Introdução (1:1-18), dois grandes livros (o Livro dos Sinais: 1:19 e 12:50; e o Livro dos Milagres: 13:1 e 20:23) e uma conclusão: 21 — chamada também de apêndice.



Portanto, como dizíamos, também a primeira divisão do livro (cap. 1:19 - 12 — conhecido como o “livro dos sinais” ou “dos milagres”) remete constantemente ao sentido simbólico e o estilo poético se encontra espalhado pelo livro inteiro. Vejamos:

1. As bodas de Caná (2:1-12) — o cenário concreto tem o propósito figurado de “manifestar a glória de Jesus” (v. 11), ou, como no capítulo 4:23: “adorar em espírito e em verdade”.
2. A cura do filho de um oficial do rei (4:43-54) — João chama a atenção novamente para o que é mais importante: *o crer sem ver* — “se não virdes sinais e prodígios, de modo nenhum creais” (v. 48).
3. A cura do paralítico (5:1-47) — “Meu Pai trabalha até agora e eu trabalho também” (v. 17)
4. A multiplicação dos pães (6:1-15) — “Vendo, pois, os homens o sinal que Jesus fizera, disseram: Este é verdadeiramente o profeta que devia vir ao mundo” (v. 14).
5. O caminhar sobre as águas (6:16-70) — “Sou eu, não temais!” (v. 20) — chama a atenção para o que aquela figura andando sobre as águas representa para eles.
6. A cura do cego de nascença (9:1-41) — “Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo” (v. 5). Pior cego é aquele que não quer ver! “A cegueira que cega cerrando os olhos, não é a maior cegueira; a que cega deixando os olhos abertos, essa é a mais cega de todas (VIEIRA, 2013)”¹³
7. A ressurreição de Lázaro (11:1-54) — “Não te disse eu que se creres verás a glória de Deus”? (v. 40)

57

Na segunda divisão do livro, chamado de “o livro da glorificação”, entre os capítulos 13 e 20, a linguagem é total e explicitamente simbólica e enigmática, o que, a nosso ver, retrata ainda melhor o “jeito de ser” do autor. E, à luz

.....

¹³ Trecho retirado do texto “A cegueira da governação”, do padre Antônio Vieira, em 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/2kYddKM>>. Acesso em: 08 de jun. 2018.



das três epístolas e do Apocalipse de João, arriscamos dizer que, na literatura joanina, a linguagem simbólica/metafórica é a “praia” dele; o lugar em que realmente se encontra à vontade. Alguns textos nos ajudam a perceber isso.

1. Jesus lava os pés dos discípulos (cap. 13) — “[...] tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim” (v. 1b); “Quem já se banhou não necessita de lavar senão os pés; quanto ao mais está todo limpo. Ora, vós estais limpos, mas não todos” (v. 10); “Para onde eu vou, não me podes seguir agora; mais tarde, porém me seguirás” (v. 37).
2. Jesus conforta os discípulos (cap. 14) — “eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao pai senão por mim” (v. 6).
3. A videira e o ramos (cap. 15) — “Eu sou a videira verdadeira e o meu pai é o agricultor [...] eu sou a videira, vós os ramos [...]” (v. 8);
4. A missão do Consolador (cap. 16) — “Um pouco, e não mais me vereis; outra vez um pouco, e ver-me-eis; “Vim do pai e entrei no mundo; todavia deixo o mundo e vou para o pai” (v. 28).
5. A oração sacerdotal (cap. 17) — “E a vida eterna é essa: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (v. 3); “[...] a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós” (v. 21).
6. Jesus diante de Pilatos (cap. 18) — “Jesus respondeu: O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus servos teriam lutado para eu não ser entregue aos judeus. Mas agora meu reino não é daqui” (v. 36).
7. A morte de Jesus (cap. 19) — “Quando, pois, Jesus tomou o vinagre, disse: Está consumado! E, inclinando a cabeça, rendeu o espírito” (v. 21).
8. Jesus aparece novamente aos discípulos — (cap. 20) “Porque me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram e creram!” (v. 29).

Parece que o *crer sem ver* era mesmo a grande ênfase na comunidade joanina. Para João — e, de modo geral, para a comunidade joanina a ideia



de um elemento superior ao pão e a tudo o que é material e corpóreo sempre esteve presente. Como sabemos, a comunidade joanina foi se configurando pela convivência com pessoas de origens culturais diversas e, conseqüentemente, de crenças também. Era composta de discípulos de João Batista, judeus, galileus, samaritanos, judeus helenistas e gregos. Isso suscitou muitas controvérsias e conflitos frequentes diante dos quais seu líder tinha que se posicionar. Como líder de perfil INFP, João consegue transitar bem nesse ambiente de grande diversidade cultural e religiosa. Sua psicologia pastoral reflete grande maleabilidade e tolerância. E, ainda que fosse seu desejo fazer a reunião/união dos diferentes pensamentos, é seu espírito conciliador e mediador que prevalece. A ausência da comensalidade na comunidade joanina pode ter esse pano de fundo, ou seja, que o seu líder, por ter um perfil psicológico conciliador, permitiu/tolerou que a comunidade se “alimentasse” apenas do conhecimento e estabelecesse o lava-pés e outros elementos identitários como ritos de pertença em substituição ao ato eucarístico.

Considerações finais

59

Terminamos este trabalho na certeza de que o tema inicial proposto e as questões que surgiram no decorrer da pesquisa carecem de maior aprofundamento. Que, como dito no início, trata-se de trabalho ainda insipiente e assistemático que busca, sobretudo, provocar o diálogo com estudiosos — entre os quais, os pesquisadores das ciências da religião — que nos ajudem com suas sugestões e discussões possibilitando o planejamento de futuras análises acadêmicas mais abrangentes.

De qualquer modo, a aplicação da teoria keirsejana dos temperamentos às características pessoais de um líder religioso como o Discípulo Amado indicou que é possível fazer uma leitura diferente, entre tantas outras possíveis. E demonstrou que a ação humana, para ser melhor compreendida, precisa da análise de diferentes ciências, sendo também a psicologia uma importante colaboradora.

Referências

BROWN, R. E. (Trad.). **A comunidade do discípulo amado**. São Paulo: Paulus, 2003.

BULTMANN, R. **Crer e compreender**. São Leopoldo: Sinodal, 1986.

CULLMANN, O. **Cristologia do Novo Testamento**. Tradução de Daniel de Oliveira e Daniel Costa. São Paulo: Custom, 2002. Disponível em: <<https://bit.ly/2M3x9rK>>. Acesso em: 06 jun. 2018.

GARCIA, P. R. Isto é meu corpo: rituais de alimentação e interação social no cristianismo primitivo. **Revista Caminhando**, v. 12, n. 20, p. 19-28, 2007.

KEIRSEY, D. **Please understand me II**: temperament, character, intelligence. 1. ed. Carlsbad: Prometheus Nemesis Book, 1998.

LAUAND, J. S. **Personagens ficcionais, tipos de David Keirse e a educação**: um estudo da sitcom “Everybody loves Raymond”. São Paulo: Factash, 2014.

NASCIMENTO, C. J. C. **Do conflito de Jesus com os judeus à revelação da verdade que liberta em João 8, 31-59**. São Bernardo do Campo, 2010. 330f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2010.

PRADO, J. L. G. A Eucaristia no IV Evangelho: significante e significado. **Vida pastoral**, v. 42, n. 218, p. 19-22, 2001. Disponível em: <<https://bit.ly/2xOubnT>>. Acesso em: 01 mai. 2017.